

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ - ICESPI

Leandro Pinheiro Leal

IMORTALIDADE DA ALMA EM PLATÃO EM SUA OBRA FÉDON

TERESINA-PI

2015

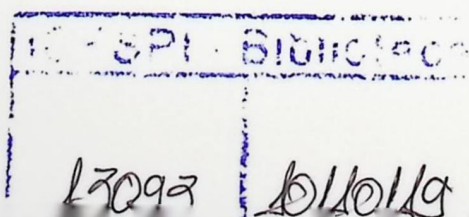
LEANDRO PINHEIRO LEAL

IMORTALIDADE DA ALMA EM PLATÃO EM SUA OBRA FÉDON

Monografia apresentada como requisito para obtenção da licenciatura plena em filosofia pelo Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí- ICESPI, sob orientação do Professor Wellistony Carvalho Viana.

TERESINA- PI

2015



LEANDRO PINHEIRO LEAL

IMORTALIDADE DA ALMA EM PLATÃO EM SUA OBRA FÉDON

Monografia apresentada como requisito
para obtenção da Licenciatura Plena em
Filosofia pelo Instituto Católico de
Estudos Superiores do Piauí- ICESPI.

ORIENTADOR: Pe. Prof. Dr.
Wellistony Carvalho Viana.

Aprovada em: ____ de ____ de 20 ____

BANCA EXAMINADORA

Orientador (a)

Nome do Examinador (a)

Nome do Examinador (a)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus, fonte de onde brota minhas forças para continuar sempre caminhando. A meus pais Sebastião e Rita, minha irmã Karina, a D. Ramón, bispo de minha diocese, pelo apoio e incentivo, aos meus formadores desde o Seminário Menor: Pe. José Valdo, Pe. Nonato, Pe. Wellington, os do Seminário Maior: Pe. Flávio, Pe. Jonilson, Pe. Clodomiro, o nosso Diretor de Estudos, Pe. Juarez. Meus párocos desde a minha infância: Pe. Domingos Cardoso, Pe. Antônio, Pe. Anísio e Pe. Sidney. Enfim, todas as pessoas que rezaram e rezam por minha vocação, que me incentivam e me dão forças para caminhar com alegria em direção aos meus objetivos, a todos vocês o meu muito obrigado!

RESUMO

LEAL, Leandro Pinheiro. *IMORTALIDADE DA ALMA EM PLATÃO EM SUA OBRA FÉDON*. Trabalho de Conclusão de Curso-TCC, 31.f. 2015. Curso de Licenciatura Plena em Filosofia. ICESPI. Teresina, 2015.

A presente monografia é baseada na obra Fédon de Platão que trata a respeito da imortalidade da alma. Nela iremos descrever a fundamentação lógica e racional a cerca desta questão. Platão que era discípulo de Sócrates lança luz sobre esta realidade, que na antiguidade era percebida com certa obscuridade. Iremos argumentar sob a dialética platônica a verdade que era alcançada através do exercício da filosofia para se alcançar a purificação da alma. Este é o meio proposto para aproximar-se da realidade imaterial e incorruptível. E esta busca garante ao homem a imortalidade da alma e habitação com os deuses.

Palavras chaves: Platão; imortalidade; alma; mundo; corpo.

ABSTRACT

LEAL, Leandro Pinheiro. IMMORTALITY OF THE SOUL IN PLATO IN HIS WORK Fedon. Course work-TCC Completion, 31.f. 2015 Degree Course Philosophy in Full. ICESPI, Teresina, 2015.

This monograph is based on Plato's Fedon work that is about the immortality of the soul. We will describe the logical and rational foundation about this issue. Plato was Socrates' disciple that sheds light on this reality, which in antiquity was perceived with a certain obscurity. We will argue in the Platonic dialectics the truth that was achieved through the exercise of philosophy to achieve the purification of the soul. This is the means proposed to approach the immaterial and incorruptible reality. And this search warrants to man the immortality of the soul and housing with the gods.

Key words: Plato; immortality; soul; world; body.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. CONCEPÇÃO DE IMORTALIDADE DA ALMA EM HOMERO NA GRÉCIA ANTIGA.....	9
1.1. Contexto histórico.....	9
1.2. O papel do mito na explicação dessa realidade.....	10
1.3. Órgãos como compreensão da vida.....	12
1.4. O herói tem garantia de imortalidade.....	14
2. A INOVAÇÃO PLATÔNICA ACERCA DA IMORTALIDADE DA ALMA.....	17
2.1. A influência órfica e pitagórica em Platão.....	18
2.2 A Busca da Verdade como Garantia da Imortalidade.....	19
2.3. Princípios Platônicos acerca da Imortalidade.....	21
2.4. Os opostos como forma de especular a imortalidade.....	24
CONCLUSÃO.....	29
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	31

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo a análise do problema da imortalidade da alma sob a ótica platônica, bem descrita no Fedón. Ao longo da história numerosas formulações foram apresentadas, como tentativa de responder a respeito da imortalidade da alma. Diante deste questionamento muitas respostas se levantaram a fim de apresentar um conceito claro e distinto que suprisse as expectativas e especulações humanas.

Esta não é uma tarefa simples, reconhecemos que estamos entrando em uma área de impossível comprovação empírica, porém o desejo de encontrar respostas sobre este enigma, à imortalidade da alma penetra-nos nossas mais profundas inquietações e também nas portas das pesquisas que quer desvelar o homem em corpo e alma sua razão de existir e o sentido do Kósmos. O desenvolvimento deste tema é uma oportunidade de mergulharmos em uma das respostas que foram dadas. Iremos à Grécia antiga com Homero e suas conclusões embasadas em conceitos primitivos e mitológicos e por fim lançaremos um olhar sobre a inovação dada por Platão em sua obra Fedón. Não se pode ignorar o legado de Platão. Se existe o desejo sincero de estudar filosofia e principalmente, estudar o que entendemos como sendo metafísica platônica. Por isto, ao sermos apresentados a Platão, através do Fedón, notamos que estamos diante de uma obra prima da literatura filosófica. Platão neste dialogo mostra toda sua capacidade de explanação dialética.

Platão foi um dos autores que no período clássico, século A.C., mais atacou o mito e paradoxalmente, o que mais se valeu deste. Para desenvolvermos nossa pesquisa iremos recorrer a uma obra de Platão, O Fedón, que foi historicamente associados ao grupo de Diálogos ligados ao tema da morte de Sócrates, modernamente sabe-se que o Fedón foi escrito por volta de 335/338 a.C. Nosso estudo tem como objetivo, problematizar a imortalidade da alma no dialogo Fedón, pois nesta obra Platão defende a tese de que a alma sobrevive após a morte, e, portanto o verdadeiro filósofo deve se preocupar com a morte e o cuidado da alma, pois a alma é a essência verdadeira do homem.

O tema partira do caminho da separação do corpo e da alma, onde é abordado o destino da alma após a morte: a distribuição de sanções recompensas e castigos. Uma apresentação que vem a calhar por conter a ideia de que aquele que se tenha dedicado toda a sua vida à busca a verdade por intermédio da filosofia, será bem recompensado após a sua morte. Iremos ao longo da explanação nos deparar com Sócrates que se encontrava preso, depois do julgamento que o condenara à morte por envenenamento.

Devido a um ritual religioso baseado na lenda do Teseu, Sócrates pode gozar uma sobrevida por algum tempo. E a ele é dada a ultima oportunidade de demonstrar que durante toda sua vida agira com razão, segundo os critérios rigorosos de uma pesquisa filosófica que buscava a verdade. A seus amigos ele terá de convencer que sua morte será a coroação de uma vida virtuosa e que nada tem a temer do que lhe aguarda. Sócrates apresenta os argumentos numa exposição racional para compreender a “viagem” dos que parte desta vida.

Nesse sentido, oportunidade demonstra que os homens são posses dos deuses e que os homens necessitam ter a objetividade de buscar a verdade para ir habitar com eles. Sócrates alcança a maturidade intelectual e percebe que sua condenação é um aviso dos deuses para sair desta vida. Pois aqueles que se dedicaram durante toda a sua vida a filosofia poderiam receber boa recompensa e gozar de infinitos bens, após a morte. Assim poderemos perceber que o papel do filósofo é o de afastar a alma do corpo, pois enquanto esta estiver num corpo incorruptível ficara impossibilitada de alcançar a verdade.

Pensando em mostrar a melhor razão por não temer a morte, Sócrates defende a manutenção da alma, depois de deixado o corpo, e enquanto a alma estiver presa num corpo corruptível jamais obterá a verdade. Percebe-se que o destino póstumo das pessoas é segundo o grau de pureza. As almas dos maus são obrigadas a vagarem pela terra, e no grau mais alto estão a dos filósofos esses poderão ter a certeza que suas almas habitarão com os deuses. Quanto à estrutura da monografia, no primeiro capítulo abordaremos a concepção da alma antes de Platão, o caminho proposto impõe uma discussão a partir da Grécia antiga, partindo de Homero. No segundo capítulo rataremos sobre a concepção da alma em Platão, passando pela purificação platônica da alma, a relação que existe entre corpo e alma e toda a inovação e princípios do pensamento platônico.

O objetivo desse estudo visa o aprofundamento do pensamento original do autor acerca do problema em torno das provas da imortalidade da alma. Enfim notaremos que a demonstração da imortalidade da alma esta estreitamente ligada à participação no mundo das ideias. A fim de afastar as influencias crenças e preconceitos até apresentar uma solução ao problema de forma sistemática. Por esta razão afirma que a alma ela é imortal e indestrutível, por conseguinte ela não pode ser destruída, já que é entendida como concessora da vida.

2. CONCEPÇÃO DE IMORTALIDADE DA ALMA EM HOMERO NA GRÉCIA ANTIGA.

2.1. Contexto histórico

A ideia de alma começa de forma confusa incorporada a imagens mais ou menos primitivas de algo dentro dos seres humanos que lhes confere a vida fundamental e essencial. Foi somente aos poucos no decurso de muitos séculos que a ideia de alma transformou-se na noção madura tal como encontramos.

Podemos perceber como era débil e fraca a vida humana. A alma não parecia ter nenhuma utilidade prática durante o tempo de vida da pessoa, e na hora da morte era reduzida a um estado totalmente debilitado e morto.

Se voltarmos à antiga Grécia por volta do século VI, principalmente com Homero pode-se notar que a realidade da imortalidade é desde a antiguidade uma das questões que mais interessou o gênero humano.

A questão sobre a existência ou não da alma sempre representou angústias para o homem ocidental:

Diferente dos orientais, somos todos tomados pelo desejo de se ver perpetuar, como a alma racional é personalíssima, muito além da morte; fato que podemos dar a crédito de origem aos helenos e a influência de seu pensamento, tanto religioso como filosófico. Para melhor compreensão da influência do pensamento grego sobre os povos ocidentais (JAEGER. *Paidéia*, p.05.).

Angústias iguais as que povoavam as mentes dos gregos na antiga terra dos Deus Apolo, quando na escura noite dos primeiros conhecimentos, questionaram sem o amparo das crenças, porém em espanto, o Kósmos, a vida, a morte, a pós-vida e a alma. (Ernest Baker, 1998, p. 21) : “a um rio famoso de Platão, segundo o qual a filosofia é criatura do espanto. Os gregos tinha o dom de espantar-se e se inclinavam naturalmente para a especulação a respeito do que lhes causava espanto”. Nisso é interessante constatar que os antigos compreendiam o homem como a realidade corpórea que subsistia tão somente a essa vida.

Os gregos se propuseram por muito tempo determinar a forma de conceber a natureza do homem, e o destino da alma. Essas concepções até hoje penetram profundamente a existência humana.

Na filosofia grega posterior, a palavra alma corresponde à psique. Acreditava-se que a alma habitava em tudo aquilo que era vivo. A alma animava o animal, o vegetal e o humano. Em alguns momentos, a palavra refere-se ao último alento antes de morrer.

2.2. O papel do mito na explicação dessa realidade.

Os mitos gregos não foram fruto de um espírito filosófico, mas surgem de um movimento religioso. Encontramos em Homero o papel da psique como sombra da pessoa morta em um mundo inferior. O home homérico quando morre termina sua existência como indivíduo. Não há na alma algum algo que possa sobreviver após a morte. As sombras dos mortos que entram no hades não gozam de nenhuma existência consciente e todas as vezes que Homero usa a expressão “o home em si mesmo” é em oposição à sombra, pensa nas relíquias corpóreas como tal, enquanto ainda não havia fugido durante a vida.

O Kósmos, a morte, a alma e o fado do homem eram matérias comuns no teatro grego. povoavam o medo místico fomentado pelas narrativas de Homero. inflamavam acalorados debates nas praças onde os homens gregos nascidos livres tinha a liberdade de se expressar e convencer seus iguais. (VALVERDE, 2004, p. 14).

Logo nos primeiros versos da *Ilíada* lemos que as almas dos heróis, isto é suas sombras foram lançadas no hades: “Sendo que elas mesmas se lançaram no pasto dos cachorros e das aves rapinas”. (REALI, 2002, p.17).

A princípio em Homero a alma da pessoa vivente sem essa imagem sem substancia, pura sombra, própria do mundo infernal. Homero vai chama-la também de um simples ídolo, imagem as vida por ser parecida externamente com a pessoa morta.

Homero expõe uma alma que se separa da pessoa morta, escapando do seu corpo pela boca. A alma deixa os membros e se precipita no mundo infernal. As almas dos homens

entendidas como alento ou sombras vão para o reino dos mortos que é o reino das sombras, às vezes saem desse mundo para intervir no mundo dos vivos.

Na era homérica, os gregos tinham a crença de que a alma abandonava o corpo na hora da morte e supostamente ia para o Hades, mas ela poderia demorar-se ao redor do corpo como se relutasse em partir: “Essa alma desencarnada representa uma ameaça para os vivos, pois como fantasmas poderiam possuir as pessoas”. (REALE, 2002, p. 22)

Sobre a morada da alma observamos que em Homero a alma do morto ira habitar o mundo subterrâneo governado por Hades, cujo nome refere-se á morada invisível dos mortos. Neste caso a alma não é recompensada nem por uma vida justa, nem punida por ter levado uma vida de malefícios continuando a viver como mera sombra do seu eu anterior. As almas no Hades ainda são reconhecíveis, mas sua vitalidade essencial desaparece. Desse modo o corpo sem alma morre e a alma sem corpo se exaure.

Em Homero a existência de alma imortal não é clara, ele fala dos campos de Elíseos para onde iam os heróis especiais e algumas pessoas favorecidas pelos deuses. Aqui Homero faz uma alusão a superioridade do corpo em relação a fragilidade da alma que habita dentro do herói:

Se alguém no serro ou brenha encontra serpe, Trépido recuando empalidece: O deiforme elegante assim do Atrida aos soberbos Troianos retrocede. Agro o invectiva Heitor: “Funesto Páris, Mulherengo falaz, nunca nasceras; Ou solteiro acabar melhor te fora que escárnio a todos ser. És sim bonito; o Argeu comado, que pugnaz te cria. Ri de que alma tão vil teu corpo aloje. (Ilíada III, p. 103)

O termo alma é vagamente mencionado, pois é uma expressão que ainda não tinha outra função além de animar o corpo. A concepção grega tradicional a partir de Homero considerada o homem como mortal, pondo na morte o fim total de sua existência.

Nos poemas homéricos, alma significa não o principio vital do sentimento e do pensamento, mas o fantasma do morto, privado de vida, sensibilidade e inteligência. É uma pura imagem emblemática de ter sido homem.

A alma, portanto, enquanto sombra, é a imagem espectral sem sensibilidade e sem conhecimento, não é o “eu” do homem, mas poder-se-ia dizer “o não ser do eu ou o eu que não é mais”. Um estudo que vem demonstrar que a alma no sentido homérico termina a sua existência a partir de sua morte. A alma, na verdade não representa outro “eu”, mas “um não ser do eu”, ou seja a sua negação uma dimensão emblemática na dimensão do não mais vivo.

Observamos que a alma segundo Homero é uma representação do ter sido. Os mortos são apenas sombras, mas nem por isso não são. Elas têm um modo próprio de ser e podem até despertar por algum tempo retomando consciência e palavra, mas sem possibilidade de agir. Não se trata de continuação de vida porque o ser próprio dos mortos é o ser do ter sido. Os gregos compreendem que ter sido é ser no sentido verdadeiro e próprio da palavra, e ter compreendido uma das suas maiores intuições.

2.3. Órgãos como compreensão da vida

Porém, percebe-se em Homero que o termo *psyche* (alma) não representa a ideia de vida, pois os órgãos da vida são outros os quais explicaremos aqui.

O *thymos* é um órgão essencial nas funções do homem. Esta representa em Homero o mais extenso e ao mesmo tempo o mais espontâneo de todos os órgãos, o termo envolve totalmente a esfera das emoções. Em português pode-se falar de *animo*, a medida que represente toda a esfera da vida emotiva do homem. *Thymos* exprime também o sentido da vida e é amplo e em certos casos; ou ainda pensaram que *thymos* refere-se a respiração, e portanto a vida ligada com a respiração incluída também os animais. Em Homero o termo é atribuído às paixões, emoções e todos os sentimentos e desejos dos homens.

Observemos que o tipo de conhecimento ligado a *thymos* apresenta as seguintes características: benevolência, bondade, amor, gesto de conciliação, contentamento, alegria, sofrimento, pena, dor, perturbação, ardência, espanto, vergonha, raiva, esperança, paciência, firmeza e solidez. E embora não sejam considerados em si e por si abstratamente. Então *thymos* coincide em certo sentido como o eu e com o *animo* da pessoa. Ele expressa uma unidade, o *thymos* é efetivamente uma parte que a seu modo exprime o todo, ou seja, o homem inteiro e o exprime de maneira vital e particular.

O outro órgão é o phren, uma expressão da mente humana, em parte é ligada a um órgão físico, exprime os sentimentos porem muito amiúde e expresso como ligado á mente humana. O phren é um aglomerado de sentimentos e emoções como: alegria, aprovação, pena, dor, ira, temor, medo, coragem e ardência.

O termo indica a mente e o que é conexo a ela. O phren é o diafragma situado na proximidade do coração, os gregos a consideram a sede do intelecto. A atividade do intelecto para Homero tem seu comprimento não no conhecimento, mas na atividade prática. Assim o pensamento tem sempre a tendência de realizar o que e isso explica bem o fato de que o phren se acompanha sempre de um momento volutivo.

Para alguns o phren também é traduzido como sabedoria prática o que transforma homens e mulheres em mentes sabias. Para Homero o phren tem um valor ético enquanto o homem age de modo reto, ou seja, quanto o homem tem em mente coisas boas e justas, podemos enfim concluir que conhecimento e ação são derivados.

O nous é o órgão mais elevado do homem e também dos deuses, é o espírito enquanto possui representações claras, portanto no campo do discernimento o nous é por assim dizer um olho espiritual que vê claramente com função permanente. Ele e a capacidade de ter ideias inteligíveis.

Com efeito, muitas vezes nos poemas homéricos a morte é representada com o thymós que abandona os membros, ou seja, como função vital que abandona o corpo. Mas o thymós deixa o corpo, dispersando-se no nada, e não sobrevive de algum modo. Não resta nem sequer o seu "ser do ter sido" como ocorre com a psiqué.

Vemos em muitas passagens que o thymós é o que abandona o homem na sua morte. Isto leva a divisar-se também no thymós uma alma em competição com a psiqué. Sabemos que o thymos é o órgão das emoções. E ele que determina igualmente o movimento corporal. Faz sentido dizer que na morte ele abandona os ossos e os membros com seus músculos. Mas com isso não se diz que depois da morte continua a existir; diz-se simplesmente: "o que punha em movimento os ossos e os membros desapareceu". (REALE, 2002, P. 76.)

Muitos traduzem psiqué po vida. Todavia, se por um lado, a tradução parece sustentar-se, por outro pode desviar-se enquanto poderia levar a cre que se trata de um significado de psiqué diferente do que ele assume quando abandona o homem com a morte e

vai para o Hades. Quando alguém luta pela psique arrisca ou tenta salvá-la, pensa-se assim naquela alma que abandona o homem na sua morte.

Portanto o thymós vai para o nada enquanto a psiqué vai para o Hades. Podemos notar que nos poemas homéricos, combates a psiqué em perigo; e que os heróis tentam salvar a própria psiqué. Na passagem a seguir vemos que Aquiles fala na *Íliada*:

Tanto o ocioso, que ao mais esforçado, iguais prêmios são dados; as mesmas honras se outorgam ao fraco e ao herói mais galhardo. Morre da mesma maneira o inativo e o esforçado guerreiro. Vede! Nenhuma vantagem me veio de tantos trabalhos, a por em risco a existência "psiqué" nos mais temerosos combates (*Íliada* IX VV 318-322).

O termo psiqué significa vida, mais uma vida que se vai com a morte. Agenor na *Íliada* vai dizer: "uma alma apenas possui: que também é mortal dizer todos".

Tomar essa expressão como exato, é o mesmo que afirmar que o homem é mortal e que ele tem só uma vida que se vai. Em Homero não vemos de modo algum a descrição da psiqué como uma realidade que desenvolve papel particular durante a vida do homem. Logo psiqué não é ideia de vida que se vai e com ela a ideia do morto e representa somente uma ideia do ter sido.

A alma psique é apresentada por Platão como uma natureza intermediária entre o sensível e o inteligível, (REALI. 2002. P 78), participando da primeira pelo corpo e da segunda pela razão. No diálogo *Fédon*, a alma é concebida como algo imaterial, invisível, autônoma, imortal e superior ao corpo sem nenhuma ligação com os órgãos. A essência do homem é sua alma, (REALE, 2007, p. 183), enquanto o corpo é apenas uma prisão do qual devesse libertar-se por meio de vários renascimentos até a sua purificação.

2.4 O herói tem garantia de imortalidade.

Duas visões de homens, heróis que tem como garantia a imortalidade podemos apresentar aqui: na primeira apresentada no diálogo *Fédon*, de Platão, esta obra é fundamental para a reflexão filosófica e metafísica do Ocidente. Nela, Sócrates – condenado pela

democracia ateniense e prestes a beber a cicuta – nos demonstra a imortalidade da alma. Tal demonstração, por sua vez, é feita diante de alguns de seus discípulos que viam na eminente morte de Sócrates um motivo para grande desespero, pois perderia seu “grande pai” nos caminhos do pensamento. Entretanto, Sócrates – nas palavras de Fédon em seu relato para Equécrates – surpreendeu: respondeu às questões e aos temores de seus discípulos com humor, bondade e ar interessado, selando – de certa forma – a “imagem” clássica do que significa, verdadeiramente, ser filósofo.

A segunda versão apresentada pela *Ilíada*: O homem homérico só é imortal na lembrança dos homens. A ideia de imortalidade como vida do homem que continua mesmo depois da morte é totalmente estranha ao homem homérico, pois a *psyche* não é continuação, mas termino da vida um não ser no sentido que explicamos.

Aimortalidade é somente a fama do herói, as grandes ações e os grandes eventos. Esses suscitam a memória dos homens. Trata-se, portanto, de imortalidade como lembrança na mente dos pôsteres. O herói homérico vive com e deste ideal. “para ser sempre o primeiro e de todos de distinguir”. (REALE, 2007, p. 78)

O homem busca ser honrado e recordado. A honra é, portanto o louvor e a lembrança dos homens. É bem maior, o não reconhecimento da honra devida e mais ainda a desonra, portanto a lastima, é o máximo dos maus para o herói homérico. Decerto modo pode-se dizer que a *Arete* heroica só se aperfeiçoa com a morte física do herói. Ela reside no homem mortal, ou melhor, ela é o próprio homem mortal, mas perpetua-se mesmo depois da morte na sua fama isso é a imagem da sua *Arete*, tal como acompanhou e dirigiu a sua vida. Até os deuses reclamam a sua honra e se comprazem no culto que lhes glorificam os feitos, castigando ciosamente qualquer violação dessa honra. Os deuses de Homero são por assim dizer uma sociedade imortal de nobres, e a essência da piedade e do culto grego exprime-se no fato de honrar a divindade.

A imortalidade na lembrança é garantida, sobretudo pelo canto do poeta, o poeta não escolhe arbitrariamente as coisas a narrar, mas deve privilegiar as grandes coisas. Porém o cantor não se limita a se referir aos fatos. Assim são os heróis de Homero, reclamam já em vida a devida honra, e estão dispostos a conceder a cada um a estima a que tem direito, assim todo e autêntico feito heroico esta sedento de honra. É fácil perceber que na cultura grega da era arcaica o que permanece na memória dos homens é o dom de quem soube a sorte gloriosa e maligna dos heróis.

O homem homérico compreende-se muito mais no seu agir do que no ser, ou seja, nos seus órgãos e nas suas ações no seu viver e no seu morrer mais do que na *physys*, como se verifica nos filósofos.

Diante da vida entendida desse modo, o homem homérico experimenta desprezo e talvez preferisse deixá-la rapidamente. Não vem na cabeça do homem homérico voltar totalmente às costas a vida. Não se fala expressamente da felicidade e da alegria de viver, só porque são coisas naturais de um povo vigoroso, todo voltado a subir de vida social pouco complicada, no qual o mais forte facilmente chega às condições de felicidade na atividade e no gozo. Esse mundo homérico é feito naturalmente só para os fortes, os espertos e poderosos. Vida e existência são para eles um bem tão certo a ponto de ser a condição indispensável para alcançar todo o bem individual. Não há perigo de que eles troquem a vida pela morte pelo estado que se pode seguir a vida.

Não pode consolar-se pela morte é o que diria todo homem homérico, o verso da Odisseia q e se refere, sai da sombra de Aquiles o modelo dos heróis: "Ora não venhas, solerte Odisseu, consolar-me da morte, pois preferia viver empregado de trabalhos do campo sob um senhor sem recursos ou mesmo de poucos haveres, a dominar deste modo nos mortos aqui consumidos". (REALE, 2007, p.79).

Desse esplendor de glória só resta à recordação nos pôsteres. O homem homérico é apenas aquele ser que brota na face da terra, infeliz entre tantas desventuras, frágil e mortal, em contraposição aos Deuses felizes e imortais.

Verificar essa compreensão de Homero a respeito da imortalidade nos dará um parâmetro do grande papel que Platão teve na filosofia grega. Ao ousar desenvolver em sua obra *Fédon* um conhecimento metódico acerca da imortalidade da alma, ele retira o homem das suas raízes mitológicas da Grécia antiga e o coloca em uma dimensão puramente racional.

Não era fácil tal empreitada. Não é simples falar naquilo que nunca se corrompe nem se mostra às sensações; por conseguinte, era necessário adentrar nos debates com teorias bem elaboradas, capazes de sustentar as contradições. Platão assim o fez, e fez com argumentos bem armados e de repercussão, que força-nos a poder dizer, sem medo do exagero que a inteligibilidade do mundo das ideias é a espinha dorsal do pensamento platônico; è, de várias formas, o que justifica, o comportamento do homem grego e de todas as suas compreensões

mitológicas. É a sua metafísica que faz esta revolução na compreensão do homem na sua totalidade. (REALE, 2002, p. 9).

O problema da interpretação de Platão é que, ao contrário de outros filósofos, ele não deixou uma obra sistemática. A sua filosofia é conhecida através de diálogos, que são obras literárias e filosóficas. Isso torna a interpretação de Platão uma tarefa complexa, pois é necessário entender o contexto histórico e literário dos diálogos, além de compreender a sua filosofia. A interpretação de Platão é, portanto, uma tarefa que exige uma abordagem multidisciplinar, envolvendo a história, a literatura e a filosofia.

A interpretação de Platão é, portanto, uma tarefa complexa, pois é necessário entender o contexto histórico e literário dos diálogos, além de compreender a sua filosofia. A interpretação de Platão é, portanto, uma tarefa que exige uma abordagem multidisciplinar, envolvendo a história, a literatura e a filosofia.

Reale, 2002, p. 9. A interpretação de Platão é, portanto, uma tarefa complexa, pois é necessário entender o contexto histórico e literário dos diálogos, além de compreender a sua filosofia. A interpretação de Platão é, portanto, uma tarefa que exige uma abordagem multidisciplinar, envolvendo a história, a literatura e a filosofia.

A interpretação de Platão é, portanto, uma tarefa complexa, pois é necessário entender o contexto histórico e literário dos diálogos, além de compreender a sua filosofia. A interpretação de Platão é, portanto, uma tarefa que exige uma abordagem multidisciplinar, envolvendo a história, a literatura e a filosofia.

2.1 A influência órfica e pitagórica em Platão.

Ademais, que Platão tenha sido influenciado por outros filósofos, como os pitagóricos, que por sua vez foram influenciados por Pitágoras, é uma hipótese que tem sido defendida por muitos estudiosos.

SPR 5104-4
12045 1/1/19

3. A INOVAÇÃO PLATÔNICA ACERCA DA IMORTALIDADE DA ALMA.

O problema da imortalidade equivale à questão de destino da existência após a morte isto é, de sobrevivência dessa existência, muitas respostas foram dadas ao problema por diversas linhas de pensamentos filosóficos e concepções de mundo. Platão foi um dos primeiros autores que no período clássico grego sec.VI a.C. se aprofundou nesta problemática e que paradoxalmente melhor soube explicá-la com conceitos que equivalem até os dias de hoje. Porém antes de compreendermos a completude do pensamento platônico acerca da imortalidade da alma é necessário especular as raízes donde brotam suas fundamentações.

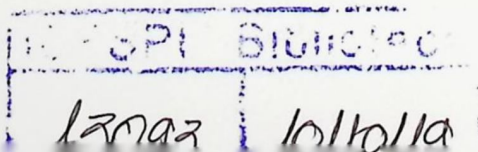
O debate irrompia em toda a Grécia, causando choques de ideias. Havia aqueles, como pitagóricos que defendiam a existência da alma; sendo esta, entretanto sujeita ao corpo reduzida a uma harmonia numérica. Havia os que advogavam a eterna corrupção e fluidez de tudo e davam a alma predados iguais aos da matéria, como achavam que assim ocorria.

Negando mesmo alguns à existência de uma "alma" com quaisquer características especiais dadas apenas as divindades. Outros negavam o próprio movimento e este fluir, reduzindo tudo ao núcleo do ser imutável, outros, por fim lhes dava um tratamento de inutilidade, da mesma forma que se dava conceitos de inutilidade a divindade. (ANTIFONTE, p. 260).

A hipótese da reminiscência vem, assim, sustentar a hipótese da existência do mundo das formas. Mas, por sua vez, implica outra doutrina, que a condiciona: a da preexistência da alma em relação ao corpo, a da incorruptibilidade dessa alma incorpórea e, portanto, a da sua imortalidade. Essa imortalidade, de que Sócrates não teve certeza nos primeiros diálogos, converte-se, na construção do platonismo, numa condição para a ciência, para a explicação inteligível do mundo físico.

3.1. A influência órfica e pitagórica em Platão.

Sabemos que Platão inicia a sua formação intelectual com os pitagóricos, que por sua vez bem as fontes órficas. Platão estuda a tradição esotérica de Pitágoras e é originalmente



órfico: “Tradição filosófica- religiosa do séc. VII a.C. na Grécia antiga inspirada na figura mítica de Orfeu, famoso por seus poemas e canções. O orfismo ensina a divindade da alma e a impureza do corpo. A morte é libertação. O centro das suas preocupações é a vida futura”. (JAPIASSÚ, 2006).

As ideias se baseiam na excursão psíquica da alma, a afirmação da presença da alma em vários lugares ao mesmo tempo, a ideia do corpo como sepulcro da alma, uma existência contínua da alma como ser consciente separado do corpo que se dava provavelmente nas práticas do culto dionisíaco, ao destinada a levar ao êxtase e por fim a contemplação dos deuses.

Também é importante destacar na doutrina órfica a crença na mente psicose ao indicar que a alma é prisioneira do corpo por causa de uma culpa originária que deve ser resgatada através de renascimentos e purificações. “Isto ocorre porque a alma está no corpo humano como um cárcere e deveria renascer uma série de vezes para se libertar dessa culpa originária”. (REALE, 2002, p.112).

Segundo as crenças há um mundo do outro lado, cujas portas se abrem no momento da morte, mas somente os que são verdadeiramente nobres gozarão de uma existência mais tranquila, livre das lágrimas. Para eles nunca se põe o sol, não conhecem o trabalho de suas necessidades, o malvado ao contrário padecerá tormentos tais quais os olhos não podem suportar. Aqueles que perseveraram e não mancharam a alma entrarão na ilha dos bem aventurados.

Diante desta sabedoria os místicos exortavam a vivência de uma pureza, uma vida conduzida de acordo com as regras especiais entre elas estão abster-se de toda a forma de derramamento de sangue, abster-se de carne de animais e seguir uma dieta puramente vegetariana e por fim a observação de certos tipos de exorcismos e expiação. A doutrina órfica possui um estilo de vida definida, seguiam o mandamento que ordenava a justiça e a conduta de vida, pois o homem se sente responsável do futuro e destino de sua alma, não se sentindo plenamente em sua pátria nesse mundo espera ganhar a salvação mediante a mera adesão do ritual externo, que o espera por meio de uma santificação moral e em curso de suas peregrinações.

Sua alma que veio de uma mais alta e divina esfera é um hospede que passa pela casa do corpo somente nos sonhos e na hora da morte quando livre do corpo ela se torna completamente ela mesma.

Quando Sócrates afirma que preservar o mal na alma do homem é a coisa mais nobre e mais importante da vida, e que em comparação a isso todo o mais de ser deixado de lado. Esse efeito ressalta o valor da alma, tão incompreensível para a Grécia de idades anteriores, seria inexplicável se a religião órfica não houvesse dirigido a atenção daquele povo para dentro de si com toda sua expressão e clareza.

No homem se hospeda o princípio divino (alma) que caiu em um corpo em virtude da culpa original. Essa alma não somente preexiste ao corpo, mas também não morre com o corpo, ela está destinada a reencarnar-se em corpo sucessivo através de uma serie de renascimentos para expiar aquela culpa original. A vida e os ritos órficos é o único meio para a alma se libertar do ciclo de reencarnações, libertando assim a alma do corpo.

Pitágoras assume esse pensamento órfico afirmando que o fim da vida é libertar a alma do corpo e para alcançar esse fim é preciso purificações. Conforme Santos: Pitágoras foi o primeiro dos filósofos a expor sobre a imortalidade da alma individual, não mais no sentido geral como nos filósofos da natureza, mas, “sim como algo animado de movimento próprio de manifestação de vida”. (SANTOS, 1999, p. 36).

Desde modo a alma é de origem divina e sua verdadeira vida é no mais além, os meios para a alma preexistir e sobreviver ao corpo para Pitágoras estão atribuídos, sobretudo a ciência, além da severa prática moral. A vida pitagórica se diferenciou da vida órfica precisamente pelo culto da ciência, dessa forma a ciência se tornou o mais elevado mistério.

3.2 A Busca da Verdade como Garantia da Imortalidade.

Como foi dito anteriormente Platão bebe desta fonte e toma dos filósofos as ideias madres e o esqueleto do sistema. A alma perseguindo o bem se purifica e prepara para conhecer a verdade esta é a primeira e indispensável condição de seu progresso.

O processo de purificação da alma em Platão é de fundamental importância no que tange a imortalidade, pois esta inserido, nesta questão o interesse do homem pela elevação da alma, quanto ao cultivo das virtudes, e a sua relação com o corpo e não somente isso, mais a

compreensão de purificação, em Platão, é diferente do modo como ocorre nas cerimônias de iniciação do orfismo pelo fato de coincidir com o processo de elevação ao conhecimento do inteligível: "A purificação é de fato, o que diz uma antiga tradição: apartar o mais possível a alma do corpo, habituá-la e evita-lo, a concentrar-se sobre si mesma por um refluxo vindo de todos os pontos." (PLATÃO, 1987, p. 122).

Prosseguindo assim enche-se da ideia de belo, alcançando a beleza intelectual, essa luz inteligível mãe das coisas animadora das formas primeira substância e órgão de tudo. Submergindo-se na alma do mundo a alma humana sente nascer sua liberdade. Perseguindo a ideia do verdadeiro alcança a sua essência os princípios contidos no espírito puro, reconhece a sua imortalidade pela identidade com os princípios divinos.

Sócrates é o primeiro a descobrir a voz divina da consciência. O homem é entendido como ser racional, está ligada a verdade eterna e imutável e sempre vinculante e acima de todas as mudanças do mundo sensível. Platão apresenta Sócrates como homem de uma profunda fé órfica e com uma serenidade diante da morte proveniente desta esperança quanto à realidade que consagra o corpo como uma tumba da alma: lugar que contamina a alma, ligando-a ao que é terreno. "A morte é a libertação da alma e, portanto, não é senão o cumprimento de uma purificação". (REALE, 2002, p.75).

Segundo Platão o homem está ordenado por seu espírito ao mundo inteligível. Este mundo é a verdadeira realidade frente às coisas aparentes e mutáveis percebidas pelo sentido. Por isso a alma do homem é essencialmente imortal pertence ao mundo imutável e indestrutível. Platão é o primeiro que intenta demonstrar filosoficamente a imortalidade da alma.

O descobrimento do espírito como realidade espiritual é característica do homem e sem dúvida alguma se trata da descoberta grega.

Desta forma o espiritual aparece como único verdadeiro ser, portanto o material e corpóreo não podem entender-se de um modo positivo. O corpo se apresenta como cárcere e cadeia da alma. A alma deve liberar-se dos laços que a ligam ao mundo material para retornar assim a sua existência específica que é imortal e puramente espiritual. A garantia de imortalidade consiste, porém em uma desmaterialização cada vez maior e uma espiritualização ao longo da vida.

A concepção de Platão supracitada manifesta uma vida após a morte. Essa vida não é semi-existente no pálido reino da sombra, mas uma existência mais plena, sobretudo quando a alma foi purificada. "A reencarnação pode, pois, ser necessária, mas tem um final quando a alma alcança o seu verdadeiro reino, que para alguns é o reino das ideias e para outros os dos astros é dos espíritos puros". (PLATÃO, 1987 p.133).

Tantos motivos levaram Platão a defender essa concepção. Por um lado às influências recebidas dos pitagóricos, por outro o desejo de deter a crescente dissolução da vida social produzida pela negação do racionalismo ou do naturalismo de uma vida após a morte. Por fim a percepção da possibilidade de um desencaixe entre alma e o corpo, desencaixe esse que se experimenta já em alguns momentos dessa vida. Portando neste aspecto, Platão se opõe não somente aqueles que negavam a imortalidade, mas também aos que concebiam a alma como indissolúvelmente ligada ao corpo e que, por isso sustentavam a inexistência da alma sem corpo.

3.3. Princípios Platônicos acerca da Imortalidade

Platão representa uma purificação em diversos sentidos. A princípio, Platão sustenta uma série de ideias, afirma que a alma está destinada a viver em um mundo puro, livre de toda mácula um mundo que pode ser comparado ao das ideias.

O filósofo deve aspirar libertar a sua alma, como isso ocorre no instante da morte. Esta pode ser o momento mais feliz da vida. Isto torna possível que a vida se torne uma meditação sobre a morte. Logo a função da filosofia descrita no Fédon é uma preparação para a morte. "A verdadeira ocupação do filósofo consiste em aprender morrer e preparar-se para a separação da alma do corpo." (PLATÃO, 1987 p.88). Pois, "só podemos conhecer puramente os seres em si, separados do corpo e encarar por intermédio da alma em si mesma os entes em si mesmo." (PLATÃO, 1987 p.89). Essa morte, no entanto, não pode ser voluntária, pois o homem não possui autonomia sobre a sua própria vida, pois esta é um bem dos deuses e somente eles podem arrebatá-la.

Essas ideias podem ser demonstradas por meio da razão e com base nelas são formulados os argumentos do Fédon. Platão imprime uma reviravolta definitiva às práticas pitagóricas, explicando que a verdadeira purificação consiste na virtude como cartasse ou purificação das paixões.

Um dos aspectos interessantes é que Sócrates recebe sua condenação, mas morre muito tempo após a sentença, pois diante do acordo que os atenienses fizeram com o deus Apolo era terminantemente proibido executar condenados à morte, o que tornaria a cidade impura.

Podemos notar aqui um aspecto dos atenienses, esses percebem a morte como algo negativo que gera impureza, ao contrário a preservação da vida agradaria os deuses. No decorrer de sua obra Platão relata que somente os deuses tem o poder sobre a vida e que homem algum tem o poder de retirá-la: “É necessária que os deuses nos enviem uma ordem formal para sairmos dessa vida”. (PLATÃO, 1987 p.122).

Se confrontarmos o posicionamento do magistrado ateniense com a postura de Sócrates notamos que ele se sobressai no aspecto da coragem, pois o próprio Fédon que se encontrava diante de um homem feliz, que proferia palavras de serenidade e coragem diante da realidade do falecimento: “esta viagem que me ordenaram me traz uma doce esperança.” (PLATÃO, 1987 p.128).

Sócrates expõe a seus amigos o motivo de seu destemor diante da morte por estar convencido de que sua morte é uma passagem para outro mundo, onde encontrara felicidade, embora, considere ao mesmo tempo de que essa verdade não seja aceita por todos. Propõe-se, então, a persuadir os presentes sobre a imortalidade da alma defendendo seus argumentos de modo mais eficaz possível do que ele próprio se defendeu perante os juízes de Atenas. Portanto, Sócrates busca uma justificação da imortalidade da alma para se crer que “depois da morte do homem a alma subsiste como atividade real e com capacidade de pensar” PAVIANI, 2001, p.155.

Sócrates consegue convencer que irá desfrutar de uma felicidade que nunca ninguém desfrutou uma certeza que emana do auxílio divino. Já no princípio da obra torna-se claro o que leva Sócrates a defender o pensamento acerca da imortalidade da alma. Em primeiro lugar vemos a certeza do auxílio divino, e em seguida a possibilidade de habitar juntamente com os deuses. E este é sinal de um consolo que supera todas as expectativas humanas que são finitas e limitadas. Com isso Sócrates sutilmente se desvincula do pensamento dos antigos que acreditavam que a alma ao ir para o Hades retornava em outro corpo material para dar seguimento a sua purificação; ou ainda da outra postura que afirma que a alma se esvai juntamente com a morte.

Sócrates mesmo estando preso e acorrentado consegue elevar o pensamento e ir de encontro às novas formulações para justificar e responder pontualmente a realidade na qual ele mesmo estava inserido.

No momento que o guarda retira-lhe a corrente percebe que está prestes a morrer, morte essa que o libertará da realidade sensível e o lançará a uma realidade totalmente infinita e imaterial. Vemos aqui, então, uma relação de sofrimento e prazer. O sofrimento e a dor que sentiu em toda a sua vida por estar preso as correntes do sensível, e o prazer de se confrontar com uma realidade que o lançará em uma habitação plena e sublime. Habitação esta que necessita ser arquitetada ao longo da vida. Refletir a esse respeito significa ocupar bem o tempo com uma ocupação conveniente. Já que todos os homens deverão fazer essa viagem e brevemente haverão de deixar esse mundo: “O homem nesta terra é como uma sentinela e não devemos ser indiferentes a ela e nem nos evadir. Isso expressa que os deuses cuidam dos homens e que os homens são posses dos deuses.” (PAVIANI, 2001, p.122).

Os deuses possuem uma total superioridade a respeito dos homens e seria uma tolice do homem não se submeter a quem lhe é superior. Comentamos anteriormente que Sócrates contava com o auxílio divino, e a certeza da habitação junto aos deuses deu base aos seus pensamentos. Esta convicção que Sócrates traz consigo é clara, em sua mente seria inconcebível lamentar a morte sendo que a certeza que o cerca é a de encontrar os deuses bons e sábios e homens melhores que os daqui. Desta forma a aceitação da morte provém de uma expectativa firmada em uma realidade superior, pois ele espera juntar-se a homens justos.

Em verdade, Símbias, e tu, Cebes, se eu cresse encontrar na outra vida deuses bons e sábios e homens melhores que os daqui, seria inconcebível não lamentar morrer. Sabei, no entanto, que espero juntar-me a homens justos e deuses muito bons. Eis por que não me aflijo com a minha morte; morrerei tendo a esperança de que existe alguma coisa depois desta vida e de que de acordo com a antiga tradição os bons serão mais bem tratados que os maus. (PLATÃO, 1987 p.123-124).

Para Sócrates habitar com os deuses representa participar da incorruptibilidade, a morte ganha o significado de separação entre corpo e alma. A princípio, especialmente nesta obra, defende-se um dualismo quase radical do corpo e da alma, pois como já notamos Platão tende a uma concepção Pitagórica, que considera o corpo como sepulcro da alma, e, por conseguinte, a alma não está nele como elemento informado, mas como prisioneiro.

A alma para Platão seria uma realidade essencialmente imortal e separável. Ela aspira liberar-se do corpo para regressar a sua origem divina e viver entre as ideias no mundo inteligível. A morte seria então a experiência fundamental. Para se ter esse contato com o imaterial e incorruptível e afastar-se do corpo definitivamente, o que garante ao indivíduo adentrar a realidade divina:

Por conseguinte purificar a alma não é o mesmo, como afirma a antiga tradição, que separá-lo do corpo e habituá-lo a reconhecer-se em si mesma partindo de todos os pontos do corpo, e viver seja nesta vida, seja na outra só e separada do corpo como liberta de uma corrente? (PLATÃO, 1987 p.128).

Nota-se que neste sentido o corpo ao ter relação com os sentidos impede que a alma encontre a verdade. Vale dizer, que as coisas abstratas que estão permeadas de maior essência. O corpo, porém, não as alcança somente o pensamento e o raciocínio podem fazê-lo. Enquanto o homem estiver preso ao corpo não possuirá o objeto de desejo maior isto é a verdade. O homem só irá usufruir da sabedoria que é objeto desejado depois da sua morte. De maneira alguma, nesta vida, estando preso ao corpo e ao que é corpóreo, o homem possuirá a imortalidade.

3.4. Os opostos como forma de especular a imortalidade.

A sucessão dos contrários representa um momento crucial, e inicial, para o desenvolvimento de toda a argumentação socrático-platônica. Notamos, aqui, a herança do heraclitismo, que admite que – na realidade do devir – as coisas surgem de seus contrários. Essa seria a lei geral da natureza que possibilitaria o movimento e a dinâmica da realidade: da mesma forma que prazer e dor andam juntos – se geram um do outro – o pequeno e o grande se mantêm em relação, de modo que pensamos nos objetos grandes em contraste com os objetos pequenos e vice-versa.

O que Sócrates conclui, diante da realidade que se transforma incessantemente, é que há uma sucessão infinita de contrários, que impedem a imobilidade dessa realidade: o decomposto torna-se composto, e o composto torna-se decomposto, assim como da vida sucede-se a morte e da morte sucede-se a vida. A questão, porém, é essa, segundo Sócrates

(Platão, 1987, p. 79): “se dos mortos nascem os vivos, que podemos admitir senão que nossas almas devem mesmo estar lá [no Hades]?”.

Sócrates ao afirmar essa pré-existência da alma após a morte parte em primeiro lugar das convicções e reflexões racionais próprias do contexto do qual, ele estava submerso, ou seja, de um homem condenado que esta preste a morrer. Logo é natural que ele busque explicações e motivações para levar a termo a decisão dos magistrados e, mais que isso, a sua própria decisão de morrer com filósofo sem negar os pensamentos defendidos durante toda a sua vida. Mas esse posicionamento não convence alguns de seus amigos, que questionam Sócrates e o conduzem a uma explicação mais racional a cerca da imortalidade da alma: “Cebes tomou a palavra e disse: os homens imaginam que quando a alma é separada do corpo, não esteja em lugar algum ou que, no mesmo dia em que morre é destruído e parece, foge da coroa e se dissolve como um vapor.” (PLATÃO, 1987 p.131).

Cebes, ao questioná-lo dessa forma, retorna ao antigo pensamento grego que crê que a alma se esvai no nada após a morte. Diante disto Sócrates afirma por primeiro uma doutrina dos opostos e dos contrários que consiste em afirmar que todas as coisas que têm opostos e são gerado deles, exemplo disso é o bem e o mal, o justo e o injusto. Uma doutrina que afirma que todas as coisas possuem um contrário.

Ora, sendo a vida o oposto da morte ela tem que ser gerada a partir desse oposto. A objeção, desse argumento é definida por Platão indicando que se assim fosse então o movimento da natureza se deteria, pois a geração não pode seguir unicamente uma linha reta. Em todas as outras realidades observamos um contrário se somente a morte não possui essa característica poderíamos dizer que a natureza é manca.

Ao traçar essa explanação Sócrates tem o objetivo de afirmar que as almas dos mortos existem em um lugar depois da sua morte, e que permanecer acreditando assim como os antigos que a alma se esvai depois da morte é uma atitude infantil, neste aspecto se percebe o salto de Sócrates em sua afirmação acerca da imortalidade, retirando de um receio todos aqueles que ainda se encontravam na dúvida:

“contudo, tenho a impressão de que ambos quereis aprofundar ainda mais nesta questão e que recear, feito crianças, que, ao abandonar o corpo, alma seja carregada pelo vento, ainda mais se ocorrer que em algum lugar da bonança sobre forte ventania no momento da morte”. (PLATÃO, 1987 p.143).

A primeira afirmação consiste em afirmar a natureza imutável da alma, pois esta possui uma relação estreita com o que é inteligível, ou seja, o pensamento, uma realidade ideal e eterna não suscetível de destruição e subsiste como uma realidade duradoura: “Admitamos que exista duas classes de realidade uma visível e outra invisível e que a realidade invisível sempre conserva a sua identidade, ao passo que a visível nunca conserva”. (PLATÃO, 1987 p.144).

Sócrates chega a esta conclusão tendo como parâmetro a realidade visível e invisível e esclarecendo que a invisível por ser imaterial conserva sua identidade enquanto a corpórea e material esta sujeita aos acidentes, sofrendo assim constantes mutações. Por esta razão a alma se assemelha ao intelecto que é eterno e em ultima instância possui em si a plenitude, uma estabilidade que não pode ser destruída nem com a própria morte: “Recordai-vos, quando analisamos as coisas sem valer do corpo, encaminha-se para o que é puro, eterno e imortal, imutável”. (PLATÃO, 1987 p.145).

Apesar de Platão desenvolver toda uma argumentação acerca da imortalidade, ele mesmo reconhece que conhecer toda a verdade durante a vida, é um trabalho que exige toda a aplicação de individuo, pois as questões que vão de encontro á realidade da alma é uma verdade espiritual que transcenda todas as expectativas humanas. Fica claro que para Sócrates chegar às formulações de conceitos a este respeito é dar um salto; e arrancar a próprio punho todos aqueles que se encontram na imanência.

Num dos momentos de sua obra é relatado o posicionamento dos cisnes. Platão faz uma analogia e demonstra como esses animais inferiores ao homem se portam diante da morte. Seres irracionais, porem no momento de sua morte cantam. Pois são considerados divinos e se unirão a Apolo. Exatamente ao contrário do homem que, ao se confrontar com a morte, treme de medo e rasteja, pois ainda não conseguiu prever a sua relação com os deuses e permanece acreditando que com a morte a alma é aniquilada e dissolvida no tempo.

Platão relata que Sócrates acredita nessa relação com os deuses e que estando consagrado a Apolo a única coisa que lhe resta é esperança e felicidade. Uma felicidade que provém de afirmações anteriores, e que norteiam todas as explicações socráticas acerca da imortalidade da alma:

Não estou dizendo nada de novo, só repito o que disse em mil oportunidades e aquilo que tornei a dizer na discussão anterior, quando admito que exista uma beleza em si e por si, e a mesma coisa ocorre com todo mais. Se concordares com isto espero poder provar-te que a alma é imortal. (PLATÃO, 1987 p.168).

Temos aqui a ideia de belo em si que nos coloca em consonância com todas as outras realidades. As coisas só se fundamentam pela intrínseca relação que existe com o bom e com o belo em si, a ordenação das diversas realidades que se apresentam ao homem só será harmonizada se entrarem nessa dinâmica organizacional, pois essas são realidades divinas, que sustentam todas as coisas e se houver um rompimento com essa relação o homem fica submetido a não compreender devidamente a respeito da imortalidade da alma.

Uma concepção que esta baseada na compreensão da realidade das essências das coisas. Sócrates para aprofundar a doutrina da imortalidade atinge o cerne da substância da alma. Ao iniciar sua explanação, Sócrates afirma que não pode aplicar em um ser a essência contrária a sua, pois seria o mesmo que negá-lo ou coloca-lo no campo da não existência. Tal postura tomada pela Grécia antiga, afirmava que a alma no momento da morte era destruída, e que com a morte a alma representaria somente um não ser do homem.

Eis aqui a inovação platônica que é explanada, a alma é caracterizada por tornar vivos os corpos que a recebem. Logo um dos atributos que predica a alma é a vida desta forma conceber que a alma se acaba seria o mesmo que aplicar um contrário que nega a sua essência principal, ou seja, a morte. E a alma tendo uma substância essencial que é a de conceder a vida não admitira a ideia de ser mortal. Com esse argumento podemos afirmar que a alma é imortal. "Logo, meu estimado Cebes, a alma é um princípio imortal e indestrutível, e nossas almas resistirão ao Hades." (PLATÃO, 1987 p.176).

Nesta certeza podemos contemplar e entender o que causava em Sócrates esperança tão viva e perene. Pois ao contrario do que os antigos e até mesmo os seus amigos afirmavam, ele acreditava e conseguiu demonstrar que ao beber o veneno continuaria sua filosofia em um estado mais sublime: "Todo longo discurso é para demonstrar que ao beber o veneno, não permaneceria convosco, mas que vos deixarei e irei gozar felicidade e bem aventurança. " (PLATÃO, 1987 p.186).

Portanto, Sócrates parte da sua fé, em comum acordo com o movimento órfico para restabelecê-la em um plano transcendente por meio da demonstração racional. Assim, o diálogo Fédon, representa um momento decisivo e um dos pilares nos quais a tradição de pensamento ocidental irá se apoiar. Assim morre Sócrates, julgado por corromper a juventude de sua época e por filosofar em praça pública. Entretanto, morrendo pela busca da verdade e pelo ideal filosófico, entrou para a história do pensamento – conquistando a imortalidade em nossa história – como um dos maiores filósofos de todos os tempos.

4. CONCLUSÃO

Chegando ao termino deste trabalho podemos concluir, que os princípios que regem as questões acerca da imortalidade da alma transcendem o homem. Mas apesar de ser um aspecto que suplanta as capacidades imanentes e sensíveis do homem, este se utiliza de suas capacidades racionais e intelectivas para formular uma resposta plausível. A questão fundamental do Fédon é a imortalidade da alma. Sócrates expos a seus amigos o motivo de seu destemor diante da morte através de argumentos racionais. Entretanto constatamos que tais argumentos não são provas rigorosas, mas convicções em uma vida após a morte.

Foi o que conseguimos perceber na Grécia antiga de Homero. Apesar de não trazerem consigo a visão clara a respeito da imortalidade tentavam mesmo que mitologicamente traçar uma explicação que suprisse as expectativas humanas. Deparamo-nos com essas explicações nas narrativas traçadas na vida dos heróis gregos que gozavam de eternidade, somente no cantar dos poetas e por seus feitos grandiosos. Pois os membros físicos eram percebidos somente como simples meio de externar emoções e sentimentos, como possibilidade de uma existência nesta esfera. Isto demonstrava o quanto a concepção dos antigos era frágil.

Mas enfim Platão que consegue transpor logicamente as barreiras que negavam incompreensões e conflitos, no que diz respeito a imortalidade da alma. Vemos isso claramente em sua obra Fédon onde a certeza desta imortalidade o fez enfrentar a morte serenamente como um guerreiro. E é aqui o ponto central onde queremos chegar ao termino deste trabalho. Em Platão notamos que o guerreiro lembrado e eternizado, é aquele homem que busca a verdade por uma constante ascese. Que consiste em liberta-se das amarras das realidades sensíveis por meio da filosofia. Esta por sua vez vai purificar o homem e lança-lo no campo das realidades imateriais e imutável. E somente penetrando o mundo das essências o homem conseguira reconhecer que a alma possui em si um principio de imortalidade. Uma afirmação embasada na doutrina dos contrários que afirma que com a morte, a alma pode admitir somente o seu contrario, ou seja, a vida.

Para aqueles que ao longo da sua vida empregaram o tempo no exercício da filosofia, a fim de elevar o espirito, no momento de sua morte serão auxiliados pelos deuses. Os argumentos retratam a capacidade dialética e genialidade de Platão em oferecer uma verdade sobre um tema tão complexo, tal como a morte e a existência da alma e seu destino. Platão deixa claro que a tranquilidade de Sócrates é fruto desta magnífica compreensão. Uma fonte que assegura a ele a certeza de que depois da sua morte irá habitar juntamente com os deuses.

Portanto, Síimias, Cebes e os demais discípulos de Sócrates, convencidos de tal argumentação, não conseguem – porém – conter as lágrimas diante do fato de que seu grande mestre, minutos após beber a cicuta, viria a morrer. O diálogo Fédon, representa um momento decisivo e um dos pilares nos quais a tradição de pensamento ocidental irá se apoiar. Assim morre Sócrates, julgado por corromper a juventude de sua época e por filosofar em praça pública. Entretanto, morrendo pela busca da verdade e pelo ideal filosófico, entrou para a história do pensamento – conquistando a imortalidade em nossa história – como um dos maiores filósofos de todos os tempos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTIFONTE. Hélade. **A concepção da alma n mundo helênico**. Rio de Janeiro: Editora Zahar. 2003
- BAKER, Ernest. **Teoria Política Grega**. Rio de Janeiro: Zahar. 1999.
- BARKER, Sir Ernest. **Teoria Político Grega- Platão e seus predecessores**. Trad. Sérgio Fernando. Ed. Universidade de Brasília. Brasília. 1978.
- GEVAERT, Joseph. **El Problema Del Hombre: Introducción a La Antropologia Filosófica**. Salamanca: SIGUEME, 2003.
- HILTON. **Dicionário básico de filosofia**. 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2006.
- HOMERO. **Ilíada**. 2 ed. Brasil: FTD, 2002.
- MONDIN, Battista. **O homem quem é ele: Elementos de Antropologia Filosófica**. São Paulo: PAULUS, 1980.
- PLATÃO. **Fédon**. **Coleção Os Pensadores**. Trad. Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: NOVA CULTURAL, 1987.
- PAVIANI, Jayme. **Filosofia e método em Platão**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- REALI, Giovanni. **Corpo, alma e saúde: o conceito de homem de Homero a Platão**. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: PAULUS, 2002.
- _____. **Historia da filosofia antiga I**. São Paulo: LOYOLA, 1993.
- SANTOS, Bento Silva. (O.S.B) **A Imortalidade da Alma no Fédon de Platão: Coerência e Legitimidade do Argumento Final**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- PAVIANI, Jayme. **Filosofia e método em Platão**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- VALVERDE. **História do pensamento platônico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- VAZ, Henrique Claudio de Lima. **Antropologia Filosófica I**. São Paulo: LOYOLA, 1991.